

luta proletária

JORNAL DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA

(ORGANIZAÇÃO SIMPATIZANTE DA IV INT)

editorial

NÃO HÁ UM MINUTO
A PERDER

FRANCO ACABA DE MORRER

O desaparecimento do velho ditador foi mais um golpe no regime abalado pelas investidas das massas trabalhadoras.

A sucessão de Juan Carlos, preparada desde há longos meses e discutida nas últimas semanas de vida do Caudillo, é somente um compasso de espera. Incapaz de realizar uma "abertura democrática" - como o exigam os estalinistas para colaborar assim na estabilização política necessária para a sobrevivência do regime burguês - pressionado pelos ultras da direita para manter e assentar a repressão sobre o movimento de massas e a vanguarda, Juan Carlos é o apagado personagem que desaparecerá com os confrontos violentos entre a burguesia, os bandos dos "Guerrilheiros del Cris

to - Rey", a Falange e as massas operárias e populares de todo o Estado Espanhol.

O sangue de Puig Antich, Utaegui, "Txiki" e dos da FRAP ainda está bem fresco. Os trabalhadores que lançaram as greves gerais e afron

cont. pg.2

FRANCO morreu!

COMBATE

ORGÃO CENTRAL DE LCR-ETA(VI)

EDITORIAL (cont.) pg 1

taram a polícia pa
ra realizarem as
suas assembleias
de fábrica e mani-
festações de rua,
estão fortes com o
seu exemplo e a ex-
periência de uma
luta prolongada con-
tra a ditadura.

Por detrás do
clamor da liberdade
para os presos polí-
ticos e da exigên-
cia dos direitos de
mocráticos e do fim
da exploração, é a
REVOLUÇÃO QUE NASCE.

Retomando os exem-
plos de auto-orga-
nização e as expe-
riências de auto-de-
fesa de 1936, refor-
çada com todo o de-
bate do movimento
operário desde en-
tão, apoiada na re-
volução portuguesa
em curso e na soli-
diedade interna-
cionalista do pro-
letariado mundial,
a revolução espanho-
la pode vir a ser
uma mola gigantesca
para a luta em toda

a Europa para a con-
cretização dos ESTA-
DOS UNIDOS DA EUROPA.

Para os revo-
lucionários portu-
gueses é uma questão
decisiva a fusão dos
avanços em Portugal
e em Espanha.

Por isso, depen-
de de nós, aproveitar
esta oportunidade his-
tórica para mostrar
que os bolcheviques
tinham razão ao pro-
clamar com a revolu-
ção de Outubro o iní-
cio da era do social-
ismo.

(cont.) pg 3

OS reformistas

possibilidades de suces-
so dessa abertura (que
provavelmente Juan Car-
los tentará levar a ca-
bo com prudência, à se-
melhança de Arias Navar-
ro e presumivelmente
com o mesmo resultado)
não se revela a uma es-
cala muito generalizada.
Qualquer abertura real
significaria necessari-
amente a irrupção do
movimento de massas e
a destruição dos limi-
tes previstos. Daí o
profundo fraccionamen-
to das forças burguesas
e a persistência da sua
maior parte em agarrar-
-se aos restos do fran-
quismo decadente.

Entretanto, alguns
sectores muito minori-
tários compreendendo a
inviabilidade quer da
continuação do regime,
quer de aberturismos
parciais, convictos de
que o aparecimento das
massas na rua é uma ques-
tão de tempo, e que
quanto mais tarde ele
se der pior, optam desde
já pelo recurso às for-
ças capazes de domesti-
cá-las, aos estalinis-
tas e aos social-demo-
cratas.

Será todavia natu-
ral que, quando se ve-
rificar de facto a que

da do regime, mais lar-
gos sectores da classe
dominante optem por es-
sa solução, até por que
ela será então a única
com um mínimo de viabi-
lidade provisória. Mas
em qualquer caso, não
deverão ser sectores si-
gnificativos. A maioria
da burguesia começará
imediatamente a organi-
zar-se no sentido da
conquista de uma base
de massas na pequena-
-burguesia e, na sequ-
ência das derrotas par-
ciais que os reformis-
tas tentarão infligir
aos trabalhadores, e do
tempo que conseguirem
ganhar, da preparação
das condições para a
reinstauração de uma di-
tadura "rejuvenescida".

O movimento Operári-
o espanhol atingiu já
um grau de organização
e combatividade muito
superiores aos do movi-
mento operário portu-
guês em 25 de Abril. Por
isso, muitas das etapas
por que passou a Revo-
lução Portuguesa serão
dispensadas pela Revo-
lução Espanhola. A bur-
guesia portuguesa acre-
ditava após a queda do
marcelismo na viabili-
dade de um bonapartismo
que permitisse em ter-
minados limites a or-
ganização dos trabalha-
dores. Hoje, os capita-
listas portugueses com-
preendem que só a dita-
dura lhes poderá trazer
um mínimo de tranqui-
lidade. O PPD e o CDS re-
presentam etapas por
que a burguesia procur-
ará passar antes de re-

correr à agência fas-
cista. Com o avanço da
Revolução, ela acotitar-
-se-á em massa atrás do
ELP e do MDLP.

Em Espanha, a bur-
guesia terá muito menos
ilusões. Desde o iníci-
o, ela procurará apenas
ganhar tempo, margem de
manobra e relação de
forças para voltar a
impor a sua ditadura
terrorista.

É por isso que tam-
bém agora, como em 1931-
1939, os reformistas
não conseguirão a con-
fiança do capitalismo
espanhol. Eles prestar-
-lhes-ão um serviço in-
estimável, mas não con-
tarão com qualquer es-
pécie de gratidão.

Seja como for, as
tradições e o grau de
organização do proleta-
riado do Estado espa-
nhol, e a muito maior
força (em relação à pri-
meira Revolução Espanho-
la) dos marxistas-revo-
lucionários, dos nossos
camaradas da LCR-ETA VI
e da LC, permitem enca-
rar o futuro do capita-
lismo espanhol e das
suas diferentes agênci-
as, a fascista, a dem-
ocrática, a social-demo-
crática e a estalinis-
ta, de uma forma muito
diferente.

A perspectiva da fu-
são das Revoluções Por-
tuguesa e Espanhola sob
a bandeira da luta pe-
los Estados Unidos So-
cialistas da Península
Ibérica, primeira pedra
da Europa Vermelha dos
Trabalhadores e da Re-
pública Mundial dos So-

vietes, é hoje muito
concreta. Dar-lhe for-
ma e conteúdo, frustran-
do as intenções contra-
-revolucionárias do es-
talinismo e da social-
-democracia; é uma ta-
refa a que o movimento
operário português e do
Estado Espanhol, e que
os trotskistas de am-
bos os países, e que a
IV Internacional, terão
que meter ombros, reav-
vivando as gloriosas
tradições revolucioná-
rias do Outubro Vermel-
ho e do proletariado
ibérico!



a junta "democrática" dá mão à burguesia

O amadurecimento da Revolução Espanhola que o franquismo não consegue disfarçar por trás do manto de repressão com que pretende abafar o ascenso das massas exploradas, permite, à medida que vai progredindo, uma definição crescente dos projectos políticos de cada uma das forças em confronto tanto das representativas da burguesia como das que se colocam no campo do movimento operário.

nesse aspecto, a persistência de sectores fundamentais da burguesia em agarrar-se até ao último momento aos restos do fascismo espanhol, e a constituição da Junta e da Convergência Democráticas, por um lado, e o desenvolvimento das Comisiones Obreras e o ascenso do movimento de massas, por outro, são factos bem demonstrativos.

Na situação actual, uma só certeza se pode apontar com segurança: a maior ou a menor prazo mas em todo o caso num espaço de tempo relativamente curto, o franquismo, não só o encarnado pela figura carismática do "caudillo", mas todas as formas que possa eventualmente vir a assumir a sua sucessão institucional, está condenado a cair.

Só o peso de Franco no prato da burguesia, permitia fazer pender para o seu lado a balança das forças das duas classes em confronto.

A sua morte política e física prenuncia o desequilíbrio da balança. A realidade das lutas operárias que hoje vivemos deixa prever um desequilíbrio brusco, a alteração radical da relação de forças.

Entretanto, a essa realidade procuram expôr-se obstáculos de monta. As forças contra-revolucionárias que

actuaem no interior do movimento operário, os estalinistas do tristemente célebre P.C.E. e os social-democratas do P.S.O.E., desenvolvem todos os esforços no sentido de permitir que a alteração da relação de forças se produza lentamente, de molde a possibilitar à burguesia a recuperação que lhe abra o caminho para voltar a assumir rapidamente o papel dirigente no Estado espanhol.

É esse o significado profundo da Junta Democrática e da Convergência Democrática, organizações de coligação de classes através das quais os reformistas espanhóis se propõem mostrar à burguesia que o caminho "democrático" lhe é mais proveitoso do que a manutenção da ditadura.

De tal modo os reformistas se encontram empenhados nessa sacrificial tarefa, que no programa por exemplo da J.D., reivindicações e lamentos e espontâneos do Movimento de Massas, como o desarmamento e a extinção dos corpos repressivos franquistas e o saneamento do exército que ganhou a guerra civil contra o Movimento Operário, o castigo dos torcionários fascistas ou o direito das nacionalidades oprimidas à auto-determinação, são inteiramente omitidas. Isto para não falar já da consignaço que nele se faz do direito à propriedade privada, e do conteúdo completamente burguês que lhe é inerente.

De resto, não é só ao nível do programa da J.D. ou da C.D. que os reformistas mostram a sua firme disposição em não só não assustar a burguesia, como mesmo em servir fielmente o capitalismo. Nas formas de luta que apontam para a substituição do regime, longe de spela rem para a classe ope-

rária, apelam para "todos os espanhóis", para um levantamento pacífico nacional. Chegam inclusive ao ponto de renunciarem à que é quiçá a reivindicação democrática mais arrejada e mais ardente dos trabalhadores do Estado Espanhol, a da República, prontificando-se a avalizar uma monarquia constitucional.

A política dos reformistas, e em particular dos estalinistas, não é de resto nova. Ela não passa da reedição da política de traição institucionalizada ao Movimento Operário que levaram a cabo de 1936 a 1939 através da Frente Popular, e que permitiu a chegada ao poder dos militares fascistas. Nessa altura o estalinismo, empenhado em mostrar às burguesias inglesa e francesa a sua eficácia na defesa da "ordem" contra a "anarquia", procurou em Espanha convencer a burguesia das vantagens das formas democráticas de exploração dos trabalhadores sobre as formas fascistas.

Hoje, passa-se o mesmo. Prometendo uma substituição pacífica do franquismo, os estalinistas procuram fazer ver à burguesia que as formas democrático-burguesas do capitalismo são mais vantajosas para ela, tentando atraí-la para a Junta Democrática, um projecto de características frente-populistas, que oferece a sedutora perspectiva de anular, controlando-o, o que constitui para a classe dominante um fantasma omnipresente: o movimento anti-capitalista de massas.

Em 1931-39, o seu incansável labor em defesa da propriedade privada e da ordem capitalista no campo dito "republicano" por meio da Frente Popular, não foi todavia coroado de êxito.

Confrontada com um movimento de massas cuja energia ela podia sentir diariamente na pele, a burguesia espanhola já há muito havia compreendido que só esmagando e desarticulando totalmente o conjunto do Movimento Operário, ela poderia que-lais não fosse salvaguardar as condições mínimas para a manutenção do capitalismo.

Foi por isso baldadamente que os estalinistas ostentaram ao longo de anos de traição os seus meritos de algozes dos operários. Prisioneiros do próprio movimento de massas, eles só podiam reprimir os seus sectores de vanguarda, mas não podiam esmagá-lo e desarticulá-lo globalmente e submetê-lo definitivamente à ordem vigente. Daí que não tivessem podido atrair para o seu projecto senão uma parcela ínfima da burguesia espanhola, ou, melhor dizendo, a sua "sombra" política. O capital estava todo atrás de Franco.

Hoje, a situação não é muito diferente. A burguesia tem pouca confiança nas formas "democráticas" da sua dominação e menos ainda na capacidade dos estalinistas em infligir derrotas decisivas ao proletariado. Por isso, a Junta Democrática, e em menor medida a Convergência Democrática (apesar de tudo a Social-Democracia, pelo exemplo que oferece na Europa Central e do Norte sempre dá mais garantias...), não agregam sectores pouco importantes da burguesia.

A tática desta é neste momento multifôrme. Por um lado, convicta da inevitabilidade da queda do regime franquista, procura construir desde já uma direcção política alternativa, apontando para saídas que abram um pouco mais as válvulas de segurança, combinando as doses adequadas de "abertura democrática" e de continuidade da repressão. É esse em certa medida o significado do "aperturismo" falhado de Arias Navarro, é esse o significado do aparecimento de grupos impulsivos por personalidades influentes do fascismo, e que proclamam agora os seus ideais democráticos. Por outro lado, a convicção das



UMA SÓ SUCESSÃO: A REVOLUÇÃO!

Em nove meses, Euskadi conheceu 6 greves gerais, mobilizando cada uma entre 100.000 e 300.000 trabalhadores. 'Espantosas provas de força do movimento operário e popular contra a ditadura, foram correspondendo a um desenvolvimento das experiências de organização, coordenação e centralização de todas as forças, preparando a derrocada da ditadura.

O problema central que se põe hoje aos revolucionários é, sem dúvida, como multiplicar o exemplo de Euskadi, como unificar todos os movimentos contra a ditadura assassina e desenvolver a auto-organização e auto-defesa das massas, respondendo a cada golpe repressivo e fortalecendo a organização para a próxima queda do regime.

O REGIME MORIBUNDO

Na realidade, o regime de Franco deixara desde há muito de ser um regime tipicamente fascista. O efectivo apoio da massas em sectores pequeno-burgueses, durante a guerra civil espanhola - muito embora reduzido a uma parcela da Espanha - fora sendo progressivamente limitado. O regime apodrecia. Uma parte da Igreja tomou cada vez maior distanciação ao governo de Madrid, e inúmeros padres sobretudo nas zonas operárias mais radicalizadas, têm mesmo vindo a participar na luta anti-capitalista em ruptura com a sua instituição. A Falange, a organização fascista da massas, viu primeiramente ser dissolvida a sua milícia armada em 1944, perder depois todo o serviço de imprensa e propaganda.

Em 1967 Carrero Blanco, velho agente da repressão e fiel amigo de Franco, torna-se seu primeiro ministro. Mas este "almirante sem medo" representava a Opus Dei, grupo de pressão do grande capital sobre o governo, que passou muito rapidamente a ser dominante no governo. Mas em 1973, com a sua execução por um comando da ETA V, a situação mudou. Arias Navarro, experimentado chefe de polícia, iniciou imediatamente um reforço dos corpos repressivos e um contra-ataque sobre o movimento de massas. Mas não pode nem podia contra as lutas que culminavam nas greves gerais de Euskadi.

Recentemente, 200.000 manifestantes assistiram à última participação pública do Caudillo. Contra estes restos do passado da vitória fascista, erguiam-se os 300.000 trabalhadores que em 26, 27, 28 de Setembro lançaram um movimento nunca visto de greves, manifestações e acções de solidariedade com os presos políticos, contra o assassinato de Otaegui e dos seus camaradas.

Neste contexto, o regime não tem qualquer hipótese de criar um sucessor que consiga manter a unidade dos sectores que se mantinham os últimos pilares do regime, e que agora se guerreiam para conquistar uma maior parcela do poder.

O imperialismo americano joga pelo seguro: apoia a sucessão na pessoa de Juan Carlos, esperando controlar assim a situação política. Mas, para todos, Juan Carlos não passa de um rei sem coroa.)))





A LONGA LUTA DO
MOVIMENTO OPERÁRIO E
POPULAR

Acompanhando o desenvolvimento da consciência e radicalização do movimento operário e revolucionário europeu depois dos confrontos de 1968, o proletariado do Estado Espanhol teve em Burgos a sua primeira luta que permitiu unificar importantes sectores das massas populares, divulgar as Comissões Obreras nascidas das experiências regionais e criar um movimento de solidariedade internacional.

Salvando da execução Izko e seus companheiros, estava dado um primeiro passo e conquistada uma primeira vitória. Mas as exigências da luta não deixariam de crescer desde então: a impreparação, falta de intervenção unitária das várias organizações permitiu que em 1972 o militante Salvador Puig fosse assassinado legalmente sem uma resposta das massas à altura. Mas isso em nada significava um refluxo ou uma derrota dos trabalhadores. Bem pelo contrário, o movimento de massas atingiu uma etapa de

consciência e combatividade muito superior ao lançar a greve geral em 11 de Dezembro de 1975. Boicotada pelo PC, a luta partia das reivindicações económicas e democráticas (libertação dos presos políticos, liberdades, etc.), conseguindo abranger 250 mil trabalhadores. Lutadores que a partir daí nunca deixariam de estar presentes sempre, em todas as ocasiões em que a política da burguesia exigiu uma resposta imediata.

Em Janeiro, criou-se um Comité de greve em Pamplona, um centro de luta dos mais radicalizados. Esta experiência estará também presente em todas as mobilizações seguintes: ao apelo da coordenadora de Euskadi 100.000 trabalhadores paralisaram o trabalho em 11 de Junho. Desta vez, o PCE é obrigado a apoiar o movimento numa região em que a relação de forças é favorável aos revolucionários que são inclusivamente maioritários nas Comissões Obreras (País Basco).

Pela primeira vez uma acção é lançada em

Madrid, quase em conjugação com a greve de Euskadi: o dia 4 de Julho é transformado numa jornada de acção que, em Madrid, consegue a adesão de 100.000 trabalhadores a que se juntam professores e estudantes.

A partir daí, a repressão endurece. Para lhe responder só havia uma solução; multiplicar os sectores em luta, reforçar os laços de organização. Isto pôs a necessidade de preparar intensamente todas as outras mobilizações, o que a concretizar-se na luta contra os julgamentos-farsa de Ormêndia e Otaegui e os processos dos militantes da FRAP e ETA V.

Ao mesmo tempo que em toda a Europa se multiplicavam as manifestações e actos de solidariedade, a 28 e 29 de Agosto novas jornadas de greve geral paralisavam o País Basco. Desta vez, a partir de um acordo de Frente Única englobando todas as principais organizações operárias, criou-se um Co

mité Central de Greve, desdobrado em Comités de Greve de Zona, que se apoiam em assembleias de empresa, sendo mesmo alguns eleitos. Para responder à imediata repressão policial foram formados piquetes de auto-defesa. Entretanto, as Mesas, coordenações unitárias das diversas organizações assumem uma forma quase permanente.

Imediatamente na sequência destas greves, de novo a 3 de Setembro e depois a 11 e 12 o trabalho paralizou em Euskadi. Agora, sem dúvida as reivindicações de amnistia e libertação imediata dos presos políticos, dissolução dos corpos repressivos, incriminação dos criminosos fascistas e livre regresso dos exilados que assumem o primeiro plano.

Acto desesperado, a burguesia decide assassinar os militantes que condenara. A resposta em Portugal, na Europa e em Espanha é fulgurante: manifestações nas principais cidades, cinco dias de mobilizações permanentes.

Desta vez, é a sorte do regime e a oportunidade do proletariado que está em jogo.

A vaga de lutas iniciada em 11 de Dezembro prolonga-se até hoje. Os alicerces da ditadura tremem e os seus apoios

separam-se.

No entanto, o movimento operário e popular é ainda vulnerável. A sua principal fraqueza, é necessário sublinhá-lo, é a desigualdade do movimento à escala de todo o país, e o desequilíbrio entre a combatividade de Euskadi e a mobilização nas outras regiões. A principal razão é sem dúvida a política dos reformistas, e em particular do PCE, que é absolutamente hegemónico no resto do Estado Espanhol, para além de Euskadi onde os revolucionários têm uma relação de forças favorável.

A POLITICA DOS
REFORMISTAS

Esta política de divisão do movimento operário tem impedido que toda a classe operária se erga num só movimento em oportunidades em, que se tornava possível dar uma machadada mortal à ditadura e ganhar novas experiências, lições preciosas para o futuro. Quando da greve geral de 11 e 12 de Setembro ou quando das jornadas de 26, 27, e 28 de Setembro, só as organizações revolucionárias se empenharam em conquistar uma acção de solidariedade à escala nacional.

E esse passo é sem dúvida determinante. Sem o avançar, não temos dúvidas, o início e o sucesso da revolução espanhola estão em perigo.

A coerência, intervenção directa e implantação operária dos revolucionários, apoiando-se numa política correcta de Frente Única Operária, são as armas que permitem o meçar a combater este perigo, que já foi a causa principal da derrota da revolução espanhola em 1936.

Esta traição dos reformistas é a grande hipótese da burguesia na realidade. Mas se alguns sectores começam já apoiar-se nos estalinistas e social-democratas, não deixam de ser muito minoritários.

Mas não é impossível que a burguesia jogue, à falta de melhor, numa solução que utilize os reformistas para a estabilização necessária, para a sua recomposição social e política.

Por isso, é um perigo redobrado a aliança entre a Jun- ta (Partido Carlis- ta, Partido Nacionalis- ta Basco (PNV), PCE) e a Convergência (demo- cratas cristãos, PSOE, UGT, MCE e ORT) na ba- se das mesmas propos- tas. Propostas que se reduzem em última aná- lise, a uma tentativa de afastamento de uma equipa dirigente e a assimilação no apare- lho de Estado, que se- ria reestruturado "democraticamente".

É esta a natureza do reformismo, e a sua assimilação ao apare- lho de Estado burguês, é nesse sentido que Trotski, também a

propósito da revo- lução espanhola, denunciava que o estalinismo se tinha passado com as suas ba- gagens para o la- do da burguesia.

A DINÂMICA DA REVOLUÇÃO ESPA- NHOLA .

Vive-se hoje na Europa uma si- tuação que o movi- mento operário não conhecia há dezenas de anos. As condi- ções revelam-se ma- duras para um avan- ço triunfante. Ao mesmo tempo que o imperialismo ameri- cano viu concreti- zar-se a sua derro- ta histórica na In- dochina quando a economia internacio- nal capitalista se afundava, os regimes de Caetano, de Papa- doupolos desapare- ciam dando lugar ao desenvolvimento das lutas dos trabalha- dores.

Com as suas ex- periências, com a sua força e com a situação explosiva da Península Ibéri- ca, o início da re- volução espanhola concluiria uma fase do avanço político e poria na ordem do dia confrontações decisivas com a bur- guesia e o imperia- lismo.

É por isso que os comunistas portugueses enca- ram com uma enor- me confiança a pos- sibilidade do triun- fo da revolução so- cialista.

**P
L
A
T
A
F
O
R
M
A

D
A

J
U
N
T
A

"D
E
M
O
C
R
A
T
I
C
A."**

29 de Julho de 1974, em Paris, Santiago Carrille (secretário-ge- ral do PCE) e Calvo Serer (membro da Opus Dei e do Conselho do Con- de de Barcelona, ideólogo reaccio- nário e burguês convicto) assina- vam uma plataforma para a consti- tuição da Junta Democrática.

Eis algumas passagens desse acor- do:

"O regime político do Estado Es- panhol, fundado sobre o resulta- do de uma longínqua guerra civil, e apoiado até agora como uma di- tadura pessoal do General Franco, através da sistemática aplicação de uma política que na realidade foi a continuação da guerra civil per outros meios, aproxima-se de seu fim."

"O desaparecimento dos factores históricos, ideológicos, económi- cos e estratégicos, nos quais se baseou a duração de poder excep- cional de Franco e a moderna con- vergência na liberdade das aspi- rações morais e materiais das clas- ses trabalhadoras, da alta burgue- sia neo-capitalista, das burguesi- as regionais, dos profissionais e dos intelectuais, impedem o pro- longamento da ditadura através da monarquia do regime."

"Perém, o Estado Espanhol, como expressão jurídica da situação re- sultante da guerra civil, ao ter perdido, pela profunda transferen- ça da sociedade, a sua ideologia e a sua moral, que foi a da vitó- ria de uma parte do povo espanhol sobre a outra, não pode manter-se como um puro aparelho de repressão e necessita sempre, como Estado, de uma ideologia e de uma moral, que é precisamente e que o regime já não lhe pode dar."

"Está aqui a verdadeira explica- ção de profundo desejo nacional de mudança. A sociedade espanhola quer que tudo se modifique para que se assegure, sem sobressaltos, nem convulsões, a função normal do Estado."

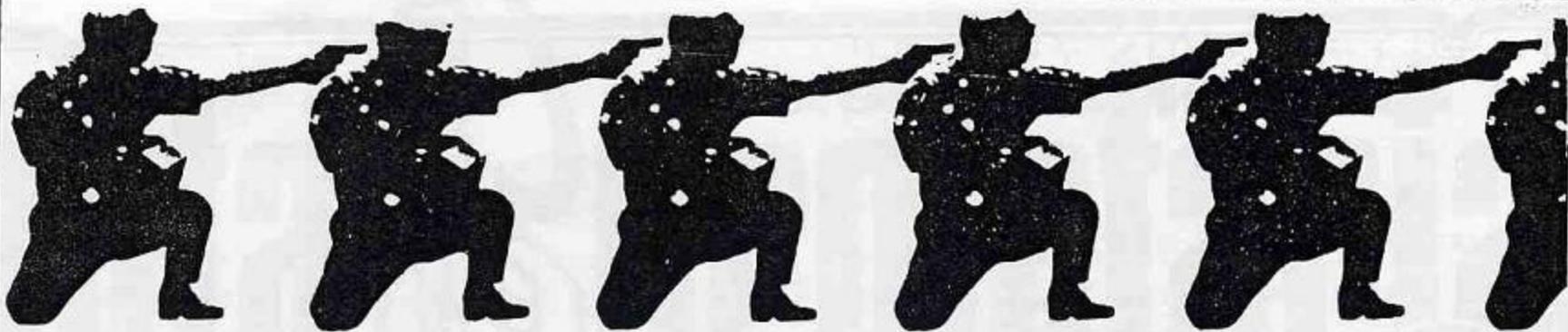
Posto isto, a JDE propõe:

"A legalização dos partidos polí- ticos, sem excepções."

"A neutralidade política e a pro- fissionalização exclusivamente militar, para a defesa exterior, das forças armadas."

"A celebração de uma consulta po- pular entre os 12 e os 18 meses, contados desde o dia da restaura- ção de todas as liberdades demo- cráticas, com todas as garantias de liberdade, igualdade, de oportu- nidades e imparcialidade, para escolher a forma definitiva de Estado."

"A integração da Espanha nas co- munidades europeias, o respeito pelos acordos internacionais e o reconhecimento do princípio da co- existência pacífica internacional."



ORGANIZEMOS A SOLIDARIEDADE MILITANTE

No Estado Espanhol, os militantes da IVª Internacional estão nas primeiras filas do combate revolucionário do proletariado. A sua força actual permite preparar o desenvolvimento da luta de classes com outras chances de vitória do que o pequeno grupo marxista-revolucionário que afrontou o período de 1936-39.

Essa é uma razão que reforça as nossas possibilidades de levar a cabo uma intensa campanha nas empresas, bairros, escolas.

Os seus eixos políticos fundamentais - que desdobramos em propostas unitárias a todas as organizações operárias - são:

= a solidariedade com as vítimas da repressão, a luta pela libertação de todos os presos políticos;

= contra o Pacto Ibérico, contra os governos dos carrascos da Guerra Civil e dos assassinos de Garmendia e Otaegui;

= pela unificação da luta dos trabalhadores portugueses e do Estado Espanhol (contactos entre os seus órgãos representativos, organização da luta anti-fascista, etc.).

Esta intervenção não é uma campanha de propaganda. É um tema a introduzir na agitação de massas para organizar um amplo movimento unitário de solidariedade, construído a partir de acções levadas a cabo localmente e centralizados numa campanha de todas as organizações operárias que aceitem esta intervenção.

O primeiro objectivo é conseguir a participação do maior número de Comissões de Trabalhadores e Moradores para iniciativas locais

que preparem uma segunda fase, a concentração de todas as forças em acções nacionais que concretizem os eixos que propusémos. Mas insistimos em que não há qualquer etapismo na construção do movimento de solidariedade: a evolução da situação política em Espanha obriga a uma iniciativa permanente!

Por isso, desde já a LCI:

- terá nos seus locais material de informação e divulgação das lutas dos trabalhadores;
- divulgará regularmente números especiais do LP/COMBATE, jornal da LCI e LCR-ETAVI (organização simpatizante da IVª Internacional em Espanha);
- proporá nas CT, CM e sindicatos uma intervenção de solidariedade
- apela a todas as orgas. operárias para a discussão da concretização do apoio à luta anti-fascista e para a criação de um CENTRO DE DIVULGAÇÃO DA LUTA DOS TRABALHADORES DE ESTADO ESPANHOL.

A paralização de 3 fábricas em Alcobaça como resposta ao assassinato dos 5 militantes anti-fascistas, é já um exemplo. É um estímulo para todos os militantes revolucionários que se empenham conosco nesta luta, para todos os que se batem pela unificação das acções das diversas organizações e por um movimento de massas cujas iniciativas devem prefigurar a junção que, amanhã, a revolução portuguesa e espanhola operarão!

Hoje. Lisboa, Madrid, Burgos...

Amanhã, será a Europa das Comissões de Trabalhadores ou das Comissões Obreras, e EUROPA VERMELHA DOS TRABALHADORES!

o ditador morreu ...

Poucas vezes o desaparecimento duma personagem terá sido tão esperada e desejada. Nem as fotografias do pacífico avô, nem as gloriosas biografias que a imprensa tem publicado nos últimos dias, farão esquecer aos povos da Espanha que a vida de Franco está coberta de sangue: o de TXIKI e OTAEGUI, de BAENA, SANCHEZ BRAVO e GARCIA SANZ, o de todos os operários mortos pelas balas da polícia nos últimos anos; o de JULIAN GRIMAU e de todos os lutadores anti-franquistas abatidos durante os anos de terror; o de todos os combatentes caídos durante a guerra civil frente ao golpe contra-revolucionário de 18 de Julho. Não nos farão esquecer que os milhares de lutadores do movimento operário e popular, hoje apenas sobrevivem nos cárceres franquistas, os que foram torturados os exilados. O nosso pensamento no dia da morte do Carrasco vai dirigido para todos estas vítimas de quase 40 anos de ditadura, de tantos anos de terror e repressão criminal.

Para a classe operária, para todos os oprimidos, estes são momentos de alegria. A morte de Franco é um apelo para reforçar o combate e acabar para sempre com este regime de terror e miséria. Os herdeiros da ditadura, Juan Carlos, os ministros e os burocratas do regime, os altos cargos do exército, os políticos, todos os fascistas tentarão apegar-se ao legado de Franco e manter o seu poder. Apesar dos cárceres mantêm-se lutando os combatentes anti-fascistas apesar de as fronteiras se manterem fechadas para os exércitos, apesar da guarda civil, e todos os corpos repressivos continuarem fazendo reinar o terror, apesar de todos os bandos fascistas continuarem a sua actividade terrorista com o auxílio oficial; numa palavra, apesar de a ditadura não seguir a sorte do ditador, continuaremos o combate contra a sua herança de sangue. Aproximam-se dias e semanas que vão ser decisivas. O desaparecimento do chefe Supremo abriu uma luta

intestina entre as diversas fracções do regime, aprofundam a divisão no seio da burguesia, dessa classe dominante que durante tanto tempo se apoiou na ditadura franquista para melhor explorar os trabalhadores. Para os explorados e oprimidos chegou o momento de redobrar a ofensiva:

- PELA LIBERDADE DE TODOS OS PRESOS POLÍTICOS.
- PELO LIVRE REGRESSO DOS EXILADOS.
- PELA ABOLIÇÃO DA LEGISLAÇÃO FRANQUISTA
- PELA DISSOLUÇÃO DOS CORPOS REPRESSIVOS E DOS TRIBUNAIS ESPECIAIS
- PELA EXIGÊNCIA DE RESPONSABILIDADE A TODOS OS AUTORES DOS CRIMES DO FRANQUISMO.
- PELO DIREITO DE EXPRESSÃO, REUNIÃO, ASSOCIAÇÃO, GREVE E MANIFESTAÇÃO.
- PELA LIVRE AUTODETERMINAÇÃO DAS NACIONALIDADES OPRIMIDAS.

Com a instauração de Juan Carlos no trono pretendem dar continuidade ao regime ditatorial, pretendem manter a repressão contra o movimento operário

rio e a sua vanguarda. Nenhuma "concessão" de Juan Carlos - que jurou os Princípios de 18 de Julho, esses princípios que custaram milhares de vidas à classe operária e a todo o povo oprimido - poderá satisfazer a sede de liberdade das mais amplas massas.

A Amnistia, a liberdade imediata para todos os presos políticos e o livre regresso dos exilados, é o primeiro objectivo porque nos devemos mobilizar. É um objectivo que podemos conquistar hoje com amplas mobilizações: manifestações e concentrações em frente aos cárceres, assembleias e paralizações nas fábricas, nos centros de estudo, nos bairros ... Deste modo há que avançar para a greve geral, seguindo o exemplo de Euskadi, e dos que neste últimos anos estiveram à cabeça dos combates das massas contra a repressão franquista, para a Greve Geral que é possível e que neste momento é mais necessária que nunca.

ABAIXO A DITADURA FRANQUISTA.

Burô Político Unificado da LCR - ETA VI

20/11/75